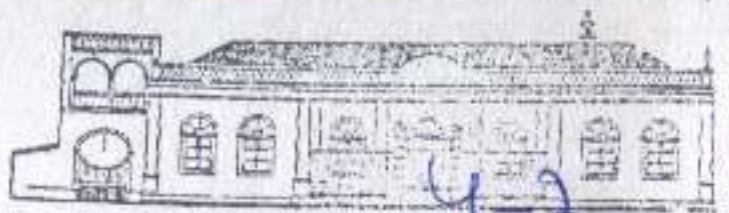




José d'Encarnação

Pelas veredas da História...
em São Brás de Alportel

apenas



Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel


Biblioteca

Inv. N.º 2664

Cota N.º 326

José d'Encarnação

Pelas veredas da História...
em São Brás de Alportel

 apenas

José d'Encarnação é natural de São Brás de Alportel (Corotelo, n. 24-12-1944), é professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Foi para Cascais no final da década de 40, com seus pais e boa parte dos familiares ligados ao trabalho da pedra e aí reside. Nunca perdeu, porém, o contacto com a sua terra natal, sendo, desde há alguns anos, colaborador habitual de *VilAdentro*, mensário da paróquia são-brasense. A sua biografia consta do livro *Personalidades da Costa de Estoril*, I vol., Cascais 1995, p. 277-284.

Cf.: <http://www.uc.pt/iauc/func/je.html>

© Apenas Livros Lda.,
José d'Encarnação

Al. Linhas de Torres, 97, 3º dto.
1750-140 Lisboa
Tel/fax 21 758 22 85
apenaslivros@oninetspeed.pt

Depósito legal nº 243703/06
ISBN-13: 978-989-618-076-8
ISBN-10: 989-618-068-76-8
1ª edição: 200 exemplares
Maio de 2006
Publicação nº 182

Revisão de Luís Filipe Coelho

Colecção OFIUSA, 8
Dirigida por: Gabriela Morais
gabrielafmorais@gmail.com

Edição patrocinada por:
Município de São Brás de Alportel

www.apenas-livros.com

Nasci no Corotelo, nas vésperas do Natal de 44.

Daqui saí, com minha mãe - meu pai já partira antes, a preparar caminho; meu tio (canteiro) também por lá já andava.

O *lá* era a capital. Cascais, mais concretamente. O ponto de encontro, nesses finais da década de 40 e princípio de 50, das gentes de Vilarinhos, de São Romão, de Fonte da Murta, de Bordeira, de Funchais... Para trabalhar na construção civil, nas estradas - meu pai, o primeiro emprego foi na auto-estrada... Dizem que meu avô cinzelou os cavalos da Exposição do Mundo Português ainda hoje visíveis na Praça do Império... As pedreiras. O trabalho da pedra. Cabouqueiros, trabalhadores, canteiros...

Gente que já estivera em Marrocos. Também. Nesta alma vadia que o homem do Barrocal, de vez em quando, empreende, vontade de correr mundo.

Pelo concelho de Cascais se esparramaram são-brasenses. Uma colónia unida. De luta pelo pão que por estas bandas difícil se tornara já de amassar então, nas consequências da guerra, no sufoco do racionamento... Torre, Birre, Cobre, Barraca de Pau - sobretudo a Barraca de Pau - Aldeia de Juso, Murches, Charneca... por essas terras se fixaram, em torno das pedreiras, os são-brasenses.

De imediato admirados pelos Saloios, que de há muito trabalhavam o azulino de Cascais. Porque Manuel Farias, o David Encarnação, o Quintas e tantos outros traziam forma diferente de abraçar a pedra. Iam à cova, lá no fundo, miravam bem o bloco, escolhiam, aí vinha ele a pau e corda, «ponham-no assim». Era o jeito! E, vai daí, a escopro ou a ponteiro, *largamente*, num gesto que o saloio dificilmente lograva imitar. Por isso, o Farias era o rei...

Nesse ambiente cresci a partir dos quatro anos – entre forro a melão, peitoris, cascões, alvenaria... Foi partir pedra para brita, o meu primeiro ganha-pão.

E cantava-se. E falava-se, por vezes, em verso – algo que (compreendi muito mais tarde) nos estava no sangue. Meu pai fazia rimas com toda a facilidade, e soube depois que também ele acompanhara com o Aleixo, que, aliás, chegou a fazer umas quadras para o meu avô. Assim, como quem não quer a coisa.

Revolucionaram os são-brasenses as pedreiras de Cascais. E, por falar em «revolução», fique-se a saber que eles *atacavam o Maio!* Começava-se de manhãzinha cedo, garrafa de medronho debaixo do braço, e lá se ia bater à porta deste e daquele, até ao sítio para onde se previra a caldeirada *comemorativa* – que só não era comemorativa porque a PIDE não deixava, e também a gente nem lhes explicava muito bem o que aquilo era.

*

* *

Aprendi assim a amar o Algarve com os algarvios ausentes.

E quando nos escarranchávamos numa figueira a roubar figos, era decerto porque o arzinho saudoso do Sul nos fustigava o rosto, o marfado!

Por isso, férias grandes à porta, fazia-se o saco com poucos pertences, e o menino era trazido para os ares de cá.

E aí, era toda uma faina agrícola a que gostosamente me associava:

– os figos, com o câmbio, para não esgaçar as pernas...

(Permitam-me um parêntesis. Uma curiosidade que, se calhar, não passa de mera banalidade, mas que quero partilhar convosco. Como sabem, além de docente na Universidade de Coimbra, mantenho intensa actividade de escrita em jornais locais. E sabem o que, passado este tempo todo, me está a acontecer? Surgem-me ao correr da pena as expressões *nossas*, do falar algarvio. Comentei com Lúcia Jorge, minha colega da Faculdade, quando publicou o seu *Dia dos Prodígios*, essa elevação do nosso falar à categoria de linguagem literária, com o que muito me regozijei. E irmanámo-nos, sem querer, nessa

vontade de dar a conhecer termos bem concretos e sugestivos que, bastas vezes, mouros antigos nos haviam deixado no quotidiano. Fecho o parêntesis).

- a apanha da alfarroba (ainda sinto na boca o seu amargo travo, era comida para cavalos, mas, que interessava, eu gostava...!), o varejar das amendoeiras...

- o enrolar, à noite, das esteiras com os figos no almanxar (como é que eu sei isto...?!);

- e é toda uma evocação de cheiros - desde a figueira-do-dois-à-folha, à ameixeira rainha-cláudia, aos pêros (que, até hoje, nunca comi igual! Que aromáticos que eram...!);

- e a debulha? Fazia calor noite adentro e, não raro, apetecia-nos dormir ali sobre uma gorpelha, uma manta por cima, só, por modos da brandura da manhã...

Nas campinas tinha meu avô uma vinha. Era um apetite ver os cachos e não se lhes podia tocar - que havia guarda. De espingarda e tudo. Mesmo o dono não deveria apanhar, por mais apetitosos os cachos o tentassem. Um dia (lembro-me!), meu avô não resistiu e apanhou um para mim. Como se fosse ladrão em terra alheia, muito à socapa; e fui comer para outro lado, para que não houvesse grai-nhas no chão ou escádeas comprometedoras.

Mas o Verão trazia consigo umas «fezes»: a habitual falta de água para quem não dispunha de cisternas ou mesmo para quem as tinha, desde que o Inverno não houvesse sido generoso em águas, como habitualmente o não era.

Verão era calor. Apetecia dormir a sesta no sobrado, o Sol a espreitar teimoso por entre os caniços sob as telhas-vãs...

E era levantar-se de madrugada para ir ao poço do Corotelo aca-rear uma infusa de água - que a nascente crescera durante a noite e sempre dava para uns quantos baldes, ainda que viessem meios... Mas era preciso ir de madrugada. Ou, então, dar uma saltada mais além, às bicas de Vilarinhos - que essas, sim, sempre as recordo far-tas de água, vinda das entranhas frias da serra...

De madrugada ia eu também, de vez em quando, com o Ti Zé Romão, de abalada até Olhão. Recordo a estrada ínvia por Bordeira, Coiro da Burra, Estói... Tudo eram alfarrobeiras, amendoeiras. No céu límpido - o macho em andamento compassado e largo -, aquele,

Zé, é o «Sete Estrelo»! Lá bem no pino...! E aprendi a ler nas estrelas. A Estrela Polar. A Cassiopeia com as Mrês Marias...

Soube, mais tarde, que também meu pai - ainda adolescente - fizera aquele caminho, madrugadas altas, dormindo, sozinho, em cima dum burrico com duas canastras - em jeito de alforjes -, uma de cada lado. Ia ao peixe. Daí lhe ficaria o olhar perspicaz, quando a Carolina vinha, depois da venda, com um resto de carapau - ai! aqueles carapauzinhos alimados, que minha mãe tão bem sabia fazer...! «Ó rapariga, tu tens aí cento e meio de jaquinzinhos e queres tanto dinheiro?», «Cento e meio, Ti Henrique? Contas por baixo são as suas!». «Então conta lá, moça! E vê quem é que tem rezão...!»

E era cento e meio, mais carapau menos carapau...

O peixe! Outra das minhas recordações de infância. Era aí pelas onze e tal. Pelas quebradas, subia até ao Cerrito, o som da buzina do Tio Zé Lozinho. O que eu admirava aquilo de fazer sair, bem forte e sólido, o som dum búzio grande...!

E aprendi, claro...! Aliás, eu estou em crer que é mesmo daí que vem «buzina», o som que o búzio grande dá. Também se punha no ouvido - para escutar o marulhar das ondas, lá ao longe...

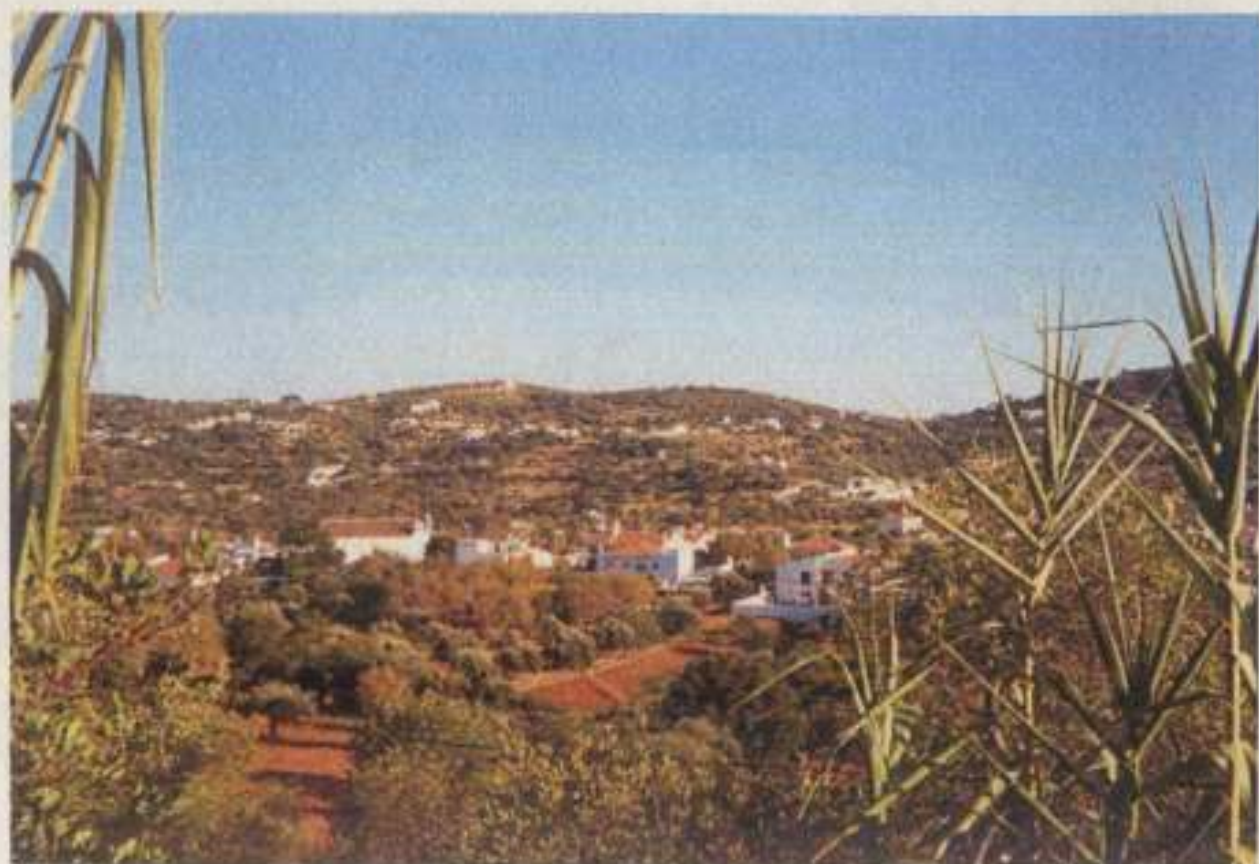
Cada arrieiro tinha o seu toque especial - e a gente já sabia. E ia-se até ao sítio onde ele parava, sempre o mesmo, de alguidarinho de barro debaixo do braço. À dúzia (mais um prò gato!), ao quarteirão, meio cento, raramente um cento...

Às vezes, vinha petinga, que minha avó cozinhava com papas de milho - e era um petisco, nesses tempos, bem acompanhado de azeitonas «arretalhadas» ou britadas. Das que eu também gostava, era daquelas pretas, grandes, todas encarquilhadas como a pele curtida de minha avó - azeitonas de sal. Condimentavam a preceito as papas - que, aliás, eram do milho que a minha própria avó moía na mó manual que tinha a um canto da cozinha.

Ah, a cozinha! O coração da casa. A sala de visitas. No Inverno, os longos serões (as crianças também podiam ficar até adormecerem no colo de alguém...), com o estalar quente do grande tronco de alfarrobeira. Fazia-se o fogo no chão, sobre um lajedo, na prumada do meio da chaminé. E aí vinham histórias antigas de lobisomens e de encruzilhadas com misteriosos lençóis brancos... Por cima das nossas cabeças, os enchidos fumavam - as linguças e as chouriças -, que eu vira



A chaminé na paisagem – aconchego à lareira, tronco de alfarobeira a consumir-se lento, avós contando histórias de lobisomens e de bruxedos...



Dir-se-ia que desta encosta, com São Romão, em primeiro plano, a proteger peregrinos, vão bênçãos e olhar ternurentos para a vertente d'além. Adivinha-se o mar por trás... Ai, barrocal, meu barrocal!



Corotelo, aparentemente sem história, de colectividade outrora bem activa, tem no casario deste cerro o núcleo primordial, na vigia de itinerários antigos.



Horta, Vilarinhos, a Gralheira mais adiante, a Serra em pano de fundo... a encosta soalheira voltada a sul, a terra vermelha salpicada de verde e de moradias branquinhas («Vai mais uma demão de cal, comadre...?»).

encher no dia da matança do porco, limpas e bem lavadas as tripas com água e limão e loendro (para desinfectar).

Dia da matança, uma festa! O sarrabulho, uma delícia...!

As *janeiras* - vinha-se cá abaixo par matar saudades e a família tinha de reunir-se, pois claro, em torno do panelão das filhós, das empanadilhas, dos sonhos, dos coscorões... E aí vem um grupo cantar! Donde serão estes...? As toadas tradicionais, os chistes matreiros... Entravam para um copo, uma filhó, uma cantoria mais - que, amanhã, sim, ou Dia de Reis, todos os grupos se ajuntariam na Sociedade (e o Corotelo era, para isso, bem central) ao despique...

*
* *

Depois, a gente começa a ter outras preocupações; tudo isso de antigamente são velharias e o futuro aí está...

E vêm os 40, os 50 - e aquela grande vontade de voltar às raízes, de *saborear* terrunho. Até porque vai-se ao Sul de Espanha, e a terra é vermelha e há figueiras, laranjeiras e amêndoas. Vai-se à Sardenha e descobre-se, naquela moda do grupo folclórico que veio actuar no hotel, um pedacinho bom do *corridinho*, que é nosso... E este bolo de amêndoa não é, senhores, como o que se faz no Algarve? Descobrimo-nos cidadãos dum mundo, com raízes fundas - bem mais fundas do que pensávamos... - junto a uma chaminé rendilhada.

*
* *

Amigos, cumpre celebrar o retorno! *Ritualmente* - exige-se! E mostrar como, afinal, *ausência* física também aqui não significa *esquecimento*.

Que, ele, senhores, esta é *paisagem* ímpar - verde salpicado do grande branco da cal.

Ali, as casinhas ajuntaram-se no morro, de ruas empedradas.

E, pela manhã, não resistimos à figueira-dos-dois-à-folha. É uma tentação!

Dada a tradição familiar, estava marcado o destino. Mesmo como professor, era com as pedras que eu tinha de me entender.

Não sei também se me influenciou, creio que sim, a visão bem matinal do Templo das Ninfas em Milreu, de Estói, quando - como disse -, de carroça, ia para Olhão e lhe passava ao lado e sempre perguntava que era aquilo - «coisas dos Mouros», diziam-me...

Claro que, neste momento, como arqueólogo, era de esperar de mim que enveredasse pela explicação do que São Brás tem dos tempos remotos - o quê da Pré-História, dos Romanos, dos Mouros...

Não posso *enveredar* por aí, porque outros melhor do que eu, tendo calcorreado o concelho, já muito contaram sobre a «Calçadinha», a Mesquita Alta, a rede viária...

São Brás, São Romão, Alportel - são nomes plenos de tradição, escondem tesouros de antiguidade e, aliás, alguma vez se poderia ter imaginado que este abençoado rincão (para onde, mais tarde, se pensou pousada e sanatório) não fora habitado desde os tempos mais antigos? Claro que o foi.

Em Vale do Joio houve uma importante *villa* romana - e a Dra. Dora Barradas Eusébio fez questão em passar-me toda a documentação sobre os exaustivos levantamentos arqueológicos que, nos anos mais recentes, aqui se levaram a efeito - um deles (imaginem!) inclusive por um doutorando meu, em serviço na Universidade do Algarve, o doutor João Pedro Bernardes.

Não vou, pois, por aí.

E quedo-me pelas *pedras com letras*.

Esta, por exemplo. Mostro-a nas aulas em Coimbra:

* RUA *
ANTONIO BENTES
BENEMERITO
DE
S. BRAS DE ALPORTEL.

E estoutra:



E sabem porquê? Porque são dois bons exemplos do que uma distração pode fazer. O senhor não se chama BENEMÉRITO; foi benemérito, benfeitor... A senhora não é... VILA - nasceu (ou morreu) na vila (espero que, para manter uma bonita tradição, São Brás nunca aspire a ser cidade. Hoje, qualquer terrinha se faz cidade - e até Madrid, no dia-a-dia, se chama de *villa* e não *ciudad*, uma «tradición de bueno gusto», como alguém escrevia).

Pois eu mostro aos meus alunos este diapositivo e desafio-os a descobrirem o nome da defunta.

E depois mostro este:



E pergunto: «TESOUREIRO? Que profissão estranha, não lhes parece?»



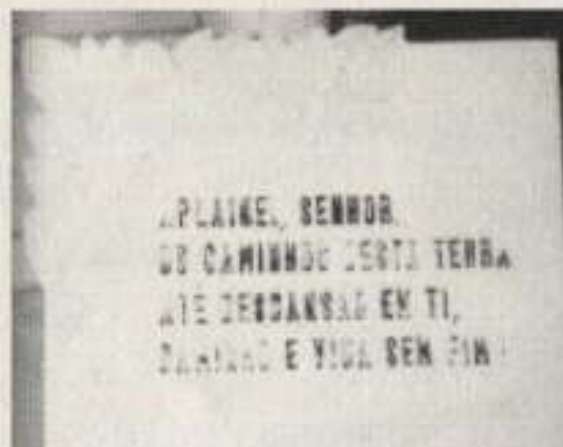
E é estoutro, em que é diferente o corpo da letra com que se escreve MEALHAS, que acaba por desvendar o mistério - uma das especificidades que São Brás de Alportel detém no campo destinado aos seus mortos: a indicação do lugar de origem. Como estoutro:

D. E. P.

Descanse em Paz, que eu quis perpetuar na campa de meu pai, em Cascais, como símbolo da sua pertença à terra que o viu crescer.

Símbolo - uma palavra mágica também.

Como no que escrevi para a sepultura de meu tio, fazedor não de calçadas mas de estradas, nos tempos em que não se era engenheiro, mas tudo se sabia de lombas, escoamento de águas, inclinação nas curvas...



A PLAINEL, SENHOR,
OS CAMINHOS DESTA TERRA
ATÉ DESCANSAR EM TI,
CAMINHO E VIDA SEM FIM!

E, claro, sem falarmos já da eloquência dos baixos-relevos que mostram fábricas de cortiça – um documento etnográfico do maior valor, a relembrar outra das actividades dos nossos homens de antanho que daqui se partiam prò Alentejo, na esgalha da cortiça; e São Brás, importante centro produtor...

Bernardo de Passos, o seu solene jazigo. Todo o sentir profundo da alma algarvia:

[...]

*Minha aldeia, voltei – anoiteceu
Sobre o meu coração como num ninho
Estendes a asa d'oiro do teu céu*

*E ele dorme e sorri – o abandonado! –
Como dorme e sorri um passarinho
Sob a asa da mãe, agasalhado...*

Regresso – e vamos terminar regressando...

Aceito: apesar da antiguidade que o seu nome documenta, São Romão não foi *villa romana*. Um casal, talvez. Não contesto.

Os monumentos epigráficos que ali se identificaram não podem ser dali – ou melhor, *podem não ser dali*. Talvez de Torre d'Apra – porque não? – já no concelho de Loulé.

Não quero ressuscitar rivalidades. Não há aqui bom pretexto para buliçosa «batalha de flores». Casas muitas, espalhadas pela encosta da serra, desde a Gralheira até Loulé, não há fronteira aqui para os medronheiros nem para os casamentos... Nos tempo dos Romanos, Loulé pertenceria também ao território de Ossónoba, a Faro actual, e foi em Ossónoba que *ela* nasceu. Com muito orgulho – que doutra forma se não compreende porque é que os seus entes queridos fizeram questão em, no epitáfio, gravarem a sua naturalidade, apesar de ainda estarem em território ossonobense. Aliás, não poderíamos ver aqui o costume primeiro do que, há pouco, referíamos como específico de S. Brás, a indicação da terra: Almargens, Poço Largo, Machados, Malhão...?

Mas... *ela* quem?

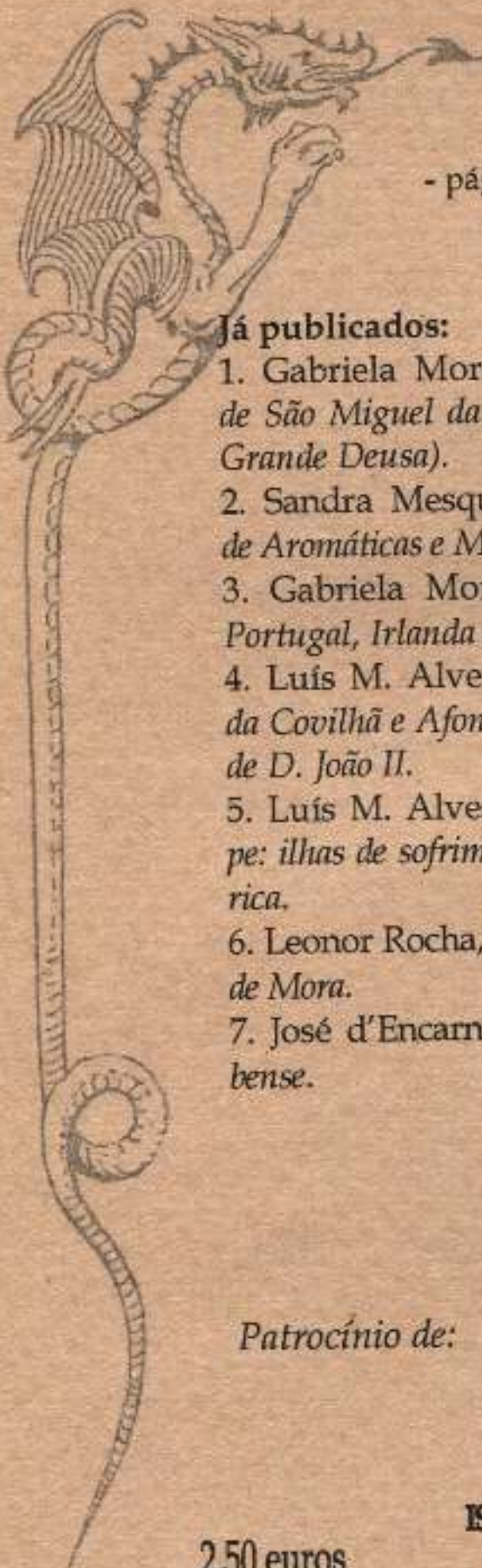
Cecília Marina, aqui falecida aos oitenta e cinco anos de idade.

O seu bonito monumento tumular é já sobejamente conhecido e, por isso, dispenso-me de, novamente, o explicar. Ele é, de certa maneira, como a «Calçadinha», o nosso *ex-libris* do tempo dos Romanos, pleno de simbolismo... A sua riqueza decorativa – ímpar nos monumentos do seu género do território português – indicia elevado nível cultural da família que o mandou fazer. E o orgulho – como todos nós temos – de pertencer, de haver pertencido, a este torrão.

Aqui, onde – nos tempos dos Romanos, como hoje – as gentes ainda se conheciam todas e mantinham a capacidade de se maravilhar perante a magia do pôr do Sol – na certeza de que, amanhã, seria, afinal, um novo dia, com esperanças novas e renovadas energias.

Importa, pois, terminar com este hino à esperança – qual passarinho, como escreveu Bernardo de Passos, que sabe sorrir «sob a asa da mãe agasalhado».

Conferência proferida, a 1 de Junho de 2001, nos Paços do Concelho de São Brás de Alportel, por ocasião das solenes cerimónias comemorativas do Dia do Município e a convite do respectivo presidente, o saudoso Dr. José de Sousa Pires. Manteve-se, por isso, nesta versão escrita, tanto quanto possível, o carácter de oralidade que lhe foi impresso e apresentam-se apenas dois ou três dos diapositivos que foram ilustrando a fala.



ofiusa, 8

- páginas de história portuguesa -

Já publicados:

1. Gabriela Morais — *O Santuário Alentejano de São Miguel da Mota (Vestígios de um culto à Grande Deusa)*.
2. Sandra Mesquita — *Breve História dos Hortos de Aromáticas e Medicinais em Portugal*.
3. Gabriela Morais — *A Lenda da Fundação de Portugal, Irlanda e Escócia*.
4. Luís M. Alves de Fraga — *A Viagem de Pêro da Covilhã e Afonso de Paiva ou a Mundividência de D. João II*.
5. Luís M. Alves de Fraga — *São Tomé e Príncipe: ilhas de sofrimento e de fortuna. Símula histórica*.
6. Leonor Rocha, Manuel Calado — *Megalitismo de Mora*.
7. José d'Encarnação — *Cecília Marina, Ossobense*.

Patrocínio de:



Município
S. Brás de

Alportel

2,50 euros

ISBN: 978-989-618-076-8

ISBN: 989-618-076-8

